

★ A CIDADE VERDE ★

O ideal esthetico de John Ruskin é, aos olhos dos contemporaneos, uma utopia irrealisavel. A elle oppõe-se formidando e gigantesco o *struggle for life* norte-americano. No Brasil, já se vê é este o que maiores probalidades apresenta para vencer, sem embargo do nosso desamor pela actividade. O utilitarismo entretanto, faz facilmente bôa alliança com o *far-niente* nacional ainda que em desproveito do paiz. E' o que fatalmente se dará no Brasil. Já se nota uma certa tendencia em nossos optimates para dar cabo do que temos de mais precioso — as tradições. Já é tempo retempo de cuidarem os governos em dar outra direcção ao progresso nacional. Cogitam todos em rociar as nossas cidades de monumentos e arranha-céus; ninguém pensa entretanto em dar-lhes uma individualidade. Um exemplo do nossa pouca estima pelas tradições é a ancia com que se muda a torto e a direito os nomes das nossas ruas. E' subir um presidente da republica — marca marechal —, antes que se saiba de suas intenções ou de seus actos, já o martello dos iconoclastas destruiu uma tradição para lustrar com o nome do novo chefe do paiz as placas de uma rua antiga. Quem não se lembra do caso da velha e popular rua do Ouvidor da Capital Federal que uma lei ephemera havia transformado em Moreira Cesar? E quem se não recorda do facto, bem mais recente, de terem, ainda no Rio de Janeiro, mudado para Presidente Wilson o nome da conhecida rua do Carioca que felizmente voltou em tempo á primitiva denominação?

A proposito, o mais interessante de todos esses acontecimentos, o mais digno de nota é um que teve occasião durante a guerra de Canudos. Os jornaes acabavam de noticiar a morte do coronel Moreira Cesar. Aventavam-se mil hypotheses para explicar a victoria dos jagunços, chegando-se a accusar os monarchistas de connivencia com Antonio Conselheiro. Ao lado do coronel, diziam os jornaes, cahira como um bravo o cabo Roque, depois de ter procurado por todos os meios, defender a vida de seu chefe. Chegou-se a falar na commemoração desse feito pelo bronze. Foi então que a municipalidade deu á antiga rua Nova do Ouvidor o nome de Travessa do Cabo Roque.

Dias depois, entretanto, noticiavam os jornaes, com espanto de todos, que o cabo estava vivo bem vivo, que por signal carregara com companheiros o cadaver de Moreira Cesar em uma padiola e para escapar á morte abandonara-o no matto, o que deu azo ao commentario de Affonso Celso:

«Oh! quantos e quantos cabos Roque — muito ainda não desmascarados — depois da Republica!»
Tudo isso constitue um impecilho

para a formação do caracter proprio de nossas cidades.

O extraordinario belletrista Eduardo Zamacois escreveu depois de sua viagem á America que existe em todas as grandes cidades uma particularidade. Em Paris é a mulher, em Nova-York a actividade de suas ruas, em Roma as minas, em Londres a neblina. No Rio de Janeiro o que notou foi a verdura que invade não raro algumas ruas. Por isso achou que lhe cabia perfeitamente o nome expressivo de «Cidade Verde».

A preocupação dos cariocas que amam com fervor ao Bello deve ser a de fazer por que se justifique essa denominação de modo a que, se daqui a um seculo um estrangeiro observar visitar a capital do Brasil possa notar a mesma verdura então mais notavel porque quanto maior for progresso material da cidade o contraste tornará mais admiravel a natureza. Ao menos não caiba aos brasileiros a accusação feita pelo summo pontifice da religião da Belleza aos contemporaneos:

«Sim, desprezastes a natureza, desprezastes todas as sensações santas e profundas de seus espectaculos.»

Sergio Buarque de Hollanda.

S. Paulo, 20 de Setembro de 1920.

257

D' "A Cigana"

15 de Outubro de 1920